



## Construção de diário de fotos como estratégia de cuidado no contexto da unidade de terapia intensiva neonatal

Josiane dos Santos Silva<sup>1</sup> , Cristina Ide Fujinaga<sup>2</sup> , Jaqueline Portella Buaski<sup>2</sup> , Flávia Aparecida Felipe de Lima Silva<sup>3</sup>

**Resumo:** O nascimento prematuro causa sentimentos de tristeza, medo e angústia nas mães, que precisam acompanhar o bebê hospitalizado em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN). Com as dificuldades impostas pela hospitalização, as atividades em grupo são maneiras de reduzir o sofrimento das mulheres. Para esse propósito, desenvolveu-se o projeto de extensão "HumanizAção: grupo de apoio, empreendedorismo e empoderamento feminino para mães de prematuros". Entre as atividades do projeto, ocorreu a produção de diários de fotos em *scrapbook*. Este estudo teve o objetivo de compreender a construção de um diário de fotos e avaliar os efeitos dessa tecnologia leve na vivência do nascimento pré-termo. Assim, com caráter qualitativo de pesquisa-ação, este trabalho contou com a participação de uma mulher mãe, a qual foi entrevistada de forma *online* com o apoio de questões estruturantes para o diálogo. Posteriormente, a entrevista e o processo da participante na elaboração do diário foram descritos em formato de narrativa. Por meio do método de Análise de Narrativas, evidenciou-se o efeito construtivo da confecção do material para a mulher participante, que apontou sentimentos de alegria e alívio a partir da atividade, além de ressignificar e gerar memórias do processo de internação da filha. Infere-se, assim, que a prática apresentada neste estudo pode contribuir para o cuidado da mulher mãe de pré-termo, sendo uma possibilidade para pensar estratégias humanizadas de atenção em saúde materno-infantil.

**Palavras-chave:** Saúde Materno-Infantil; Nascimento Prematuro; Humanização da Assistência

### Construction of a photo diary as a care strategy in the context of the neonatal intensive care unit

**Abstract:** Premature birth causes feelings of sadness, fear, and distress in mothers, who need to monitor the hospitalized baby in the Neonatal Intensive Care Unit (NICU). With the difficulties imposed by hospitalization, group activities are a way to reduce women's suffering. For this purpose, the extension project "HumanizAction: support group, entrepreneurship and female empowerment for mothers of premature babies" was developed. Among the project activities, the production of scrapbook photo diaries took place. This study aimed to understand the construction of a photo diary and evaluate the effects of this light technology on the experience of preterm birth. Thus, with a qualitative action research character, this work included the participation of a woman mother, who was remotely interviewed, with the support of structured questions for the dialogue. After the interview and the participant's process in preparing the diary, it was described in a narrative form. Using the Narrative Analysis method, the constructive effect of creating the material for the participating woman was evident, as she expressed feelings of joy and relief from the activity, in addition to gaining new meaning and forming memories of her daughter's hospitalization process. It is inferred that the practice presented in this study can contribute to the care of women who are mothers of preterm babies, making it possible to consider humanized strategies for maternal and child healthcare.

**Keywords:** Maternal and Child Health; Premature Birth; Humanization of Assistance

*Originais recebidos em  
23 de setembro de 2024*

*Aceito para publicação em  
13 de março de 2025*

1  
Universidade Estadual do Centro-  
Oeste do Paraná (UNICENTRO),  
Guarapuava-PR, Brasil

(autora para correspondência)

[silvajosi2002@gmail.com](mailto:silvajosi2002@gmail.com)

2  
Universidade Estadual do Centro-  
Oeste do Paraná (UNICENTRO),  
Guarapuava-PR, Brasil

3  
Hospital Sofia Feldman, Belo  
Horizonte-MG, Brasil

## Introdução

"Ser mãe é andar chorando num sorriso, ser mãe é ter um mundo e não ter nada, ser mãe é padecer no paraíso!" Assim o escritor Coelho Neto, em 1928, descreveu a vivência da maternidade, evidenciando a ambivalência de sentimentos experienciados pela mulher mãe. Em meio a essa montanha-russa de emoções, que envolvem alegria, angústia, medo, entre outras sensações, as mulheres são lançadas em uma nova condição de ser e estar no mundo a partir da maternagem (Herberts, 2019).

Além de lidar com os aspectos emocionais suscitados pela maternidade, a mulher também se depara com a concepção social acerca desse momento de sua vida. Apesar de ser uma construção social que variou ao longo da história, dependendo também da raça, etnia e classe social de cada mulher, a maternidade se configurou de uma forma universal como algo natural, sendo um dever das mulheres (Zanello, 2018). Assim, espera-se que a mãe, detentora de um suposto instinto maternal, assuma de maneira exclusiva os cuidados com o filho, tornando-se o centro da família (Badinter, 1985).

Em vista disso, o zelo com o bebê constitui uma tarefa cercada de regras socialmente impostas, que fazem o papel social de mulher ser apagado pelo papel social de mãe (Machado, 2020). Consequentemente, podem surgir desarranjos emocionais no puerpério, posto que se trata de um período em que a mulher tem uma acentuação das suas emoções (Maldonado, 2017). Esse cenário se faz ainda mais intenso quando o nascimento acontece prematuramente, isto é, antes de 37 semanas de gestação (Organização Mundial da Saúde [OMS], 2012). Geralmente, os recém-nascidos pré-termo necessitam de assistência especializada na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN). A partir da hospitalização do bebê na UTIN, a mãe passa a ser inserida em um novo ambiente, que pode ser amedrontador devido aos equipamentos, procedimentos e a grande quantidade de profissionais envolvidos no cuidado do neonato (Marchetti & Moreira, 2015).

Atrelado a isso, a internação na UTIN, muitas vezes, impede o contato entre mãe e bebê. Logo, a mulher enfrenta dificuldades para apropriar-se do cuidado com o filho (Ferrari & Donelli, 2015). Isso pode interferir na criação do vínculo mãe-bebê, levando um maior período para se estabelecer em meio a essas condições, visto que o amor materno se constrói com o tempo, não sendo imediato ao nascimento da criança (Badinter, 1985). Mesmo em bebês a termo, esse sentimento amoroso pode ocorrer gradualmente, o que se intensifica nos nascimentos pré-termo, nos quais tende a acontecer uma separação abrupta da mãe e do bebê após o parto (Marchetti & Moreira, 2015).

Nesse contexto, ocorre uma ruptura naquilo que foi idealizado ao longo da gestação, posto que a mãe não pode ter o filho nos braços, tampouco levá-lo para casa. No lugar disso, assume uma rotina exaustiva de longos períodos de permanência no hospital para acompanhar o recém-nascido. Dessa maneira, a mulher sofre um afastamento da sua antiga rotina diária, da sua família, do seu trabalho e da sua casa. As preocupações, portanto, extrapolam o ambiente hospitalar, gerando uma sobrecarga da mulher diante das demandas físicas e psicológicas dessa situação. Por consequência, há uma diminuição significativa do tempo para descanso, lazer e autocuidado (Santos et al., 2020).

Diversas estratégias para reduzir os efeitos da hospitalização do recém-nascido têm sido implementadas nos serviços de saúde materno-infantil. Os atendimentos em grupo, por exemplo, são uma maneira de auxiliar a mãe no enfrentamento dessa situação. Esses atendimentos possibilitam para a mulher o compartilhamento de experiências e sentimentos e a construção de uma rede de apoio (Joaquim et al., 2014). A formação de grupos também possibilita a aproximação entre os profissionais de saúde e as mães, favorecendo a inserção e o protagonismo das mulheres no processo de cuidado ao recém-nascido, como preconizado pela Política Nacional de Humanização (PNH) (Ministério da Saúde, 2004).

Com base nestes pressupostos, em 2018 foi criado o projeto de extensão “HumanizAção: grupo de apoio aos pais de bebês prematuros”, formado por docentes e acadêmicas dos cursos de Psicologia e Fonoaudiologia da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO), configurando uma atividade extensionista interdisciplinar. Em sua quarta edição, no ano de 2023, o projeto passou por uma reformulação, passando a ser nomeado “HumanizAção: grupo de apoio, empreendedorismo e empoderamento feminino para mães de prematuros”. O projeto, então, tinha como objetivo oferecer acolhimento, escuta, lazer e oportunidades de empreender para as mulheres mães de bebês hospitalizados na UTIN do hospital Santa Casa de Irati, município do interior do Paraná.

Durante as ações, foram propiciados espaços de escuta e acolhimento às mulheres mães, para que elas se sentissem seguras para falar sobre si mesmas ou compartilhar suas vivências no ambiente hospitalar, no qual se encontram vulneráveis e atravessadas por sentimentos conflitantes. Além disso, pretendeu-se que elas pudessem reconhecer oportunidades de inovar e empreender, a partir das habilidades que possuem. Por essa razão, o projeto elaborou ações pautadas na Política Nacional de Humanização (PNH), que pressupõe “olhar cada sujeito em sua especificidade, sua história de vida, mas também olhá-lo como sujeito de um coletivo, sujeito da história de muitas vidas.” (Ministério da Saúde, 2004). Ainda, houve a intenção de proporcionar um lugar no qual estas mulheres pudessem se expressar e ter oportunidades de ser e existir enquanto mulheres e mães de prematuros. Tais condutas se tornam essenciais em situações de angústia, já que a família necessita de escuta e acolhimento, para que possam ter algum alívio dos sentimentos negativos que estão vivenciando (Vasconcelos et al., 2008).

Vale ressaltar a importância de ações como essa no município de Irati, onde há alta demanda por atendimento neonatal especializado. Isso porque a taxa de nascimentos prematuros correspondeu a 11,33% dos nascimentos totais na região. Tal índice ultrapassa a média de nascimentos prematuros em todo o Estado paranaense, onde 9,3% dos nascidos vivos em 2020 eram prematuros (Ministério da Saúde, 2020).

Como uma forma de construir e mediar um espaço acolhedor para as mães, foram utilizadas ações de artesanato, autocuidado e relaxamento. Uma das atividades artesanais desempenhadas no projeto consistiu na produção de diários de fotos com técnicas de *scrapbook*. Este termo significa, em tradução livre, livro de retalhos, tratando-se de um álbum de fotos que conta uma história, por meio de páginas personalizadas com grande variedade de materiais (Terzi & Calil, 2005).

Este estudo teve como objetivo compreender a construção de um diário de fotos e avaliar os efeitos dessa tecnologia leve na vivência do nascimento pré-termo. Pretendeu-se conhecer os sentimentos e reflexões despertados na mulher ao longo do processo de elaboração desse item, bem como a sua contribuição para o enfrentamento da hospitalização.

## Percurso metodológico

No ano de 2023, o projeto de extensão “HumanizAção: grupo de apoio, empreendedorismo e empoderamento feminino para mães de prematuros”, carinhosamente apelidado de Humaniza, contou com atividades semanais na Santa Casa de Irati, no estado do Paraná, nas quartas e sextas-feiras, com uma duração média de uma hora e trinta minutos. A instituição, que foi o cenário para a realização das ações, carrega o título de Hospital Amigo da Criança. Isso reflete no tempo de internação do recém-nascido, pois a alta hospitalar ocorre mediante a estabilidade das condições clínicas, em conjunto com a eficácia da alimentação e peso de 2.000 gramas.

As mães, então, permanecem no ambiente hospitalar para assegurar a fonte nutritiva do filho, através da ordenha do leite e/ou amamentação no seio, e prestar cuidados básicos ao bebê. Nos momentos em que não estão desempenhando esses papéis, as mulheres permanecem em uma sala anexa à UTIN, na qual há sofás e

poltronas para a acomodação das mães. Essa sala tornou-se o lugar de primeiro contato entre nós, as extensionistas, e as mulheres mães, que ali foram convidadas para as ações. Em vista da alta rotatividade de mães e bebês, o início de cada encontro se dava pelo convite às mães presentes na antessala.

Nessas ocasiões, foram repassadas as informações sobre os objetivos, os dias e os horários dos encontros e as práticas realizadas. Para exemplificar as ações relatadas pela nossa equipe, além de estimular a adesão ao projeto, um portfólio com imagens dos produtos feitos no grupo foi mostrado para as mães. Dessa maneira, aquelas que decidiram participar dos encontros também tiveram a oportunidade de escolher as atividades, posto que a demanda das mulheres ocupou uma posição prioritária.

Após o aceite para participar do grupo, as mães foram direcionadas para a sala de reuniões do hospital. Nesse espaço, então, aconteceram as atividades do projeto, que se dividiram em ações de artesanato, autocuidado e relaxamento. As práticas de artesanato consistiram na produção de variados artigos, como *necessaire*, porta-fraldas, toalha, travesseiro de pescoço, crochê, placa decorativa, lembrança de nascimento e diário de fotos. Por sua vez, os momentos de autocuidado e relaxamento foram compostos por massagens faciais, nos ombros e nas mãos e cuidados com as unhas, o cabelo, as sobrancelhas e a pele. Ao final de cada ação, as extensionistas registraram os acontecimentos em diários de campo armazenados na plataforma *Google Drive*. Neles, havia a descrição dos encontros, impressões pessoais e reflexões da equipe extensionista.

Dentre as ações, destacamos a produção do diário de fotos, que se tornou o objeto de estudo desta pesquisa. O diário foi formado por um agrupamento de duas capas e cerca de 10 páginas unidas por argolas de metal. Já os materiais utilizados, fornecidos gratuitamente às mães participantes, foram páginas estampadas, ícones e elementos gráficos impressos em papel A4 com densidade de 180 gramas, fotos impressas em papel fotográfico, papel paraná, argolas articuladas para encadernação, ilhós, vincador, alicate, guilhotina, cola e cantoneira fio de cabelo. Vale ressaltar que a oferta desses recursos foi possibilitada pelo apoio financeiro disponibilizado pelo programa Universidade Sem Fronteiras.

Com relação ao processo de construção dos diários, este ocorreu durante duas a três ações consecutivas, nas quais as mães participaram de todas as etapas de produção, desde a escolha das páginas, o corte dos papéis, a elaboração da capa, entre outros passos. As extensionistas buscaram incentivá-las no manuseio dos materiais, visando a autonomia e o desenvolvimento de novas habilidades. Também permitiram que as mães usassem a criatividade para combinar cores, elementos gráficos e estampas.

Além disso, as fotografias usadas nos diários foram registradas pelas próprias mulheres, através de seus celulares, visto que a utilização do aparelho para essa finalidade é permitida na UTIN do hospital Santa Casa. Por conta do custo de impressão das imagens, as mães foram orientadas a selecionar até dez fotos para os seus diários, que poderiam abranger não apenas registros do recém-nascido, mas também de outros filhos, da gestação e da família. Como foram utilizadas fotos das participantes, seus bebês e suas famílias nos álbuns, solicitamos a assinatura do termo de autorização de uso de imagem, voz e depoimentos e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sob aprovação do comitê de ética parecer nº 5.596.366.

Assim, sete mulheres que fizeram parte do processo de elaboração do diário de fotos foram contatadas pelo aplicativo de mensagens *WhatsApp* com o convite para a participação nesta pesquisa. As mães convidadas estiveram presentes em ações nos meses de agosto e setembro do ano de 2023, de forma que no momento do convite para a entrevista, em novembro de 2023, estavam com dois a três meses de alta hospitalar. A partir desse convite, duas mulheres aceitaram ser entrevistadas, uma delas, porém, possuía idade inferior a 18 anos, caracterizando um critério de exclusão. Logo, a amostra final foi de uma participante, aqui nomeada pelo pseudônimo de Patrícia, bem como seus filhos receberam nomes fictícios, com a qual agendamos um horário para a realização da entrevista, que transcorreu de forma online. Dessa maneira, o diálogo com a entrevistada

---

aconteceu pelo aplicativo de mensagens *WhatsApp*, através de mensagens instantâneas em formato escrito e de áudio.

Para atingir os objetivos que traçamos neste trabalho, a entrevista efetuada foi semiestruturada, sendo guiada pelas seguintes questões:

- Como foi a gestação/nascimento e o processo de hospitalização?
- Como você se sentiu com a participação no projeto?
- Como foi a experiência de produzir o álbum de fotos?
- Qual foto você mais gosta e por quê?
- Deu continuidade ao álbum em casa?

Também foram coletados dados pessoais da participante, sendo eles idade, número de filhos, estado civil, com quem reside e profissão.

Com base nisso, o relato da mãe foi estruturado e analisado por meio do método de análise de narrativas. Muylaert et al. (2014) definem narrativas como representações de uma história, que não podem ser vistas como verdadeiras ou falsas, mas sim como um meio de expressar a verdade sobre um ponto de vista determinado pelo tempo e espaço em que o sujeito está inserido. Os autores afirmam que o método propicia a análise gradual do material coletado, agrupando os aspectos gerais, dividindo o conteúdo e elaborando categorias para cada narrativa, sendo que a interpretação final se constitui do resultado da análise conjunta.

Concomitantemente, para trazer à tona o processo de construção do diário de fotos pela mãe e a sua trajetória no projeto, foram examinados os registros dos diários de campo das ações em que houve a participação da entrevistada. Portanto, ao abordar a atuação e as observações da equipe extensionista, este trabalho se define como uma pesquisa-ação. De acordo com Thiollent (1992), a pesquisa-ação abrange mais do que uma simples participação, dado que os pesquisadores e os participantes buscam, de modo conjunto, a solução para problemas coletivos. A autora enfatiza que há uma aproximação entre os atores envolvidos neste tipo de pesquisa, levando à formação de conhecimento científico comprometido com o respeito aos diferentes saberes da população estudada.

## Resultados

### *Entre páginas e lembranças: (re)contando uma história*

Patrícia possui 24 anos de idade, é casada e reside no município de Imbituva, interior do estado do Paraná, com o esposo e os dois filhos, Laura e Theo. A mulher começou a participar do projeto em 23 de agosto de 2023, um dia ensolarado que aqueceu a antessala da UTIN. O vento característico do mês augustino balançava as cortinas, espalhando luz e calor pelo ambiente. De maneira análoga, a chegada de Patrícia ao grupo iluminou a quarta-feira. Houve dias em que as ações foram quietas e calmas, com poucas falas e poucas participantes. Houve dias, no entanto, em que as ações foram tomadas por uma agitação, na qual as interações, os diálogos e uma bagunça prazerosa preencheram a sala. Esse dia foi assim, repleto de alegria como se em comemoração por receber uma nova mulher no projeto.

No primeiro dia de participação, a mãe produziu uma toalha para Laura, sua filha que estava hospitalizada. Embora fosse nova na ação, Patrícia se envolveu em conversas animadas com as mães ali presentes, partilhando suas vivências, seus gostos e a produção da sua toalha. A atitude extrovertida da mulher não ficou restrita ao encontro inicial, sendo comum em todo o período que participou do projeto. Ela, inclusive,

---

constantemente ofertou incentivo às companheiras de antessala para participarem das ações. Por isso, não nos causou grande surpresa quando rememorou o vínculo que estabeleceu com as outras mulheres. Laços de amizade feitos com tamanha força e resistência que Patrícia ainda mantém contato com as amigas conhecidas na antessala.

Em um segundo encontro, permitindo-se experimentar uma atividade habitualmente considerada difícil pelas mães, Patrícia decidiu fazer o diário de fotos (Figura 1). Como na produção da toalha, observar a mulher na construção do diário foi igualmente agradável, pois estava claro que o carinho era o principal adereço usado por ela para a decoração das páginas. Na companhia do afeto, enfeites e imagens florais estiveram intensamente presentes no diário da mãe, simbolizando a maneira amorosa que chama sua filha: florzinha.

Tal cuidado se expressou também na organização das fotos, as quais foram dispostas em ordem cronológica. Portanto, o registro fotográfico que estreou o diário foi a cena do nascimento de Laura. Esse dia foi precedido por uma gestação tranquila, que, entretanto, deu lugar às más notícias recebidas no último exame de ultrassom. Neste exame, a mulher descobriu que a filha “estava em sofrimento, já não estava recebendo nutrientes”. Por conta disso, o nascimento, que ocorreu às 34 semanas gestacionais, “foi de muita tensão”. Um momento cercado pelo nervosismo, visto que a ida de Laura para a UTIN era um acontecimento anunciado para a mãe. Apesar disso, “o parto em si foi tranquilo”, principalmente, pela experiência anterior com o filho mais velho, Theo, que nasceu também de parto cesárea. Compreendemos, assim, quando Patrícia contou que essa imagem é especialmente favorita para ela, pois retrata a chegada de sua “tão sonhada filha”.

Seguindo a linha do tempo tecida por Patrícia no diário, foi possível acompanhar a evolução do quadro clínico de Laura, percorrendo as ocasiões mais importantes pelo olhar da mulher mãe. Enquanto adicionava as fotos com delicadeza ao diário, ela descrevia para nós o conteúdo de cada imagem. Entre os marcos que constituíram a história da recém-nascida estavam o primeiro aconchego no colo do pai e o décimo dia na UTIN. Agora, olhar para essas fotos da filha traz alegria para Patrícia, “que o pior já passou, que agora ela está bem saudável, só fica lembranças mesmo”. Assim sendo, a alta hospitalar não significou um ponto final no enredo criado pela mãe nas páginas do diário. Ao contrário, foi uma reticência que deu lugar às fotografias de cada mês de vida de Laura.



**Figura 1.** Fotografia que Patrícia mais gosta no diário de fotos.

Fonte: A participante (2023).



Diante disso, não é difícil entender porque a mãe adjetivou a elaboração do diário como “uma ideia muito legal” e que “não foi difícil em fazer”. Caso não tivesse colocado a sua opinião em palavras para nós, o jeito em que imergiu na construção do diário falaria por si. Patrícia realizou as etapas de produção com calma, sempre atenta aos detalhes, desde a capa até a última página acrescentada ao material. Aliás, essa minuciosa forma de produção foi nítida em todos os artigos feitos por suas mãos. Mesmo em atividades rápidas, por exemplo a placa decorativa, a mulher usou integralmente o tempo que as ações costumavam durar.

Não à toa, Patrícia compartilhou conosco que gostava muito do projeto por ser um “passatempo, dava um descanso para a mente”. Um descanso necessário para a mulher, moradora de um município vizinho de Irati, que precisou deslocar-se diariamente para a instituição hospitalar. Ao fim da tarde, após arrastadas horas no hospital, Patrícia retornava para a sua cidade, onde “chorava quando chegava em casa” por deixar a filha internada. “No começo, foi mais complicado, até acostumar”, depois, a mulher foi “vendo que era o melhor para ela, que estava bem cuidada”.

Ao longo dos 37 dias que Laura esteve hospitalizada, a mulher fez parte de cada atividade do HumanizAção. Ainda que nenhuma das suas companheiras de antessala quisessem acompanhá-la em algumas ações, Patrícia não hesitou em estar na nossa companhia. Do mesmo modo, não deixou de comparecer ao grupo quando todos os produtos apresentados no portfólio já tinham sido feitos por ela. A partir daí, passou a confeccionar presentes para Theo, seu filho mais velho, sem se dar conta de que nós estávamos também sendo presenteadas com a sua presença. Para além da distração dos minutos que passou no hospital, a mulher enxerga os itens feitos no projeto como uma recordação desse tempo, carregando consigo o desejo de mostrar à Laura cada uma das memórias construídas em forma de artesanato.

## Discussão

### *Entre cores e memórias: construindo a arte de cuidar*

A gestação corresponde a um período de criação de expectativas para os pais. No decorrer das semanas esperadas para o nascimento do filho, a família constrói uma idealização acerca desse aguardado momento. Nessa direção, o nascimento pré-termo rompe o imaginário formado ao redor da chegada do bebê, que passa a ser tumultuada por sentimentos de medo e dúvida quanto ao estado de saúde do recém-nascido e da mãe (Santos & Teixeira, 2017). Por intermédio do relato de Patrícia, compreendemos de forma tangível como a angústia atravessa a experiência do nascer antecipado, mesmo que seja o momento de receber uma filha desejada.

Diante disso, a preferência da mulher mãe pela fotografia que ilustra o nascimento revela a resignificação do vivido. Antes um episódio marcado pela sensação de nervosismo, agora se mostra como uma memória tão importante que deve ser a primeira vista no diário de fotos. Dessa maneira, a vivência amedrontadora de outrora torna-se o início de uma jornada cuidadosamente registrada nas páginas seguintes. A produção do diário mostra-se, então, como uma ferramenta para o enfrentamento do nascimento pré-termo, sobretudo, quando há necessidade de separação entre mãe e filho após o parto.

Relembramos, nesse ponto, que Patrícia não reside no município de localização do hospital em que Laura esteve internada. Consequentemente, as emoções negativas suscitadas na mulher podem ser exacerbadas pela distância entre a moradia e a instituição, pelo cansaço da permanência por longas horas no ambiente hospitalar, pelo afastamento da família, entre outros diversos fatores (Santos & Teixeira, 2017). Com isso, de forma semelhante à mulher participante deste estudo, as mães inseridas nesse contexto tendem a procurar um alívio no choro (Lima & Smeha, 2017).

Pensando nisso, o processo de construção do diário oferece a oportunidade para a mulher expressar os seus sentimentos por outras vias, como a fala e a escrita. Ali, perante as fotografias, Patrícia teve um tempo para visualizar os momentos experienciados, sentindo as emoções que podem ter sido suprimidas pela rotina acelerada no hospital. Mais do que mergulhar nessas sensações, a mãe pôde falar a respeito delas para nós e para outras mulheres. Dessa maneira, acompanhamos Leite et al. (2016), ao afirmarem que um local para reflexão e registro da experiência de estar com um bebê hospitalizado favorece a elaboração do sofrimento das famílias.

A oferta desse espaço, porém, implica a existência de uma escuta qualificada, que deve ser usada como estratégia de cuidado (Buaski, 2020). Afinal, as mães podem encontrar outras possibilidades para exprimir as suas aflições, por exemplo conversar com amigos e familiares. No entanto, a diferença da escuta endereçada por um profissional de saúde reside na especificidade técnica capaz de adentrar as entrelinhas da fala da mãe. Esta pode, assim, desabafar, dialogar e, até mesmo, chorar, mas com um olhar e uma escuta atentos direcionados a ela, a fim de colher os significados dessas atitudes. Isso para que seja possível realizar o acolhimento enquanto uma ação de reconhecer a mulher nas mais variadas dimensões da sua vida (Ministério da Saúde, 2004).

Por conseguinte, conhecer integralmente a mãe que se apresenta a nós facilita a criação de mecanismos para auxiliá-la. Para Patrícia, que passou extensas horas no ambiente hospitalar, as ações do projeto representaram um passatempo, o qual pode ter ultrapassado o período das atividades do Humanização. Nesse sentido, acreditamos que a organização cronológica das fotos feita por Patrícia é um indício do tempo dispensado para o planejamento do diário. Isto posto, os momentos na antessala em que ela poderia direcionar os pensamentos exclusivamente para Laura, a mulher pode ter dedicado para pensar em como faria o material. Assim, a produção do diário não se limita a ocupar as mulheres durante uma hora e trinta minutos, mas pretende ressignificar o processo de hospitalização por inteiro.

Importante retomar a configuração do diário de Patrícia, no qual as fotos compõem uma ordem temporal com os principais marcos da história da filha na UTIN. Tal formato foi amplamente utilizado pelas mães participantes do projeto, apontando que não se trata de uma decisão ocasional e despreocupada. Ao contrário, registrar os eventos marcantes no diário pode ser uma maneira de assimilar os acontecimentos que se desenrolam, muitas vezes, de modo conturbado a partir do nascimento pré-termo.

Além disso, esses registros ajudam a mãe relembrar o que já foi enfrentado, motivando-a a seguir em frente nessa caminhada (Leite et al., 2016). No caso de Patrícia, vemos isso não somente durante a hospitalização, mas também depois da alta hospitalar. Hoje, a mulher vê as fotos como uma lembrança de que os piores acontecimentos já se foram. Todavia, concordamos com Oliveira (2023), ao reiterar que esse registro não tem a intenção de apagar as memórias dolorosas da mulher mãe, sendo que o esperado é fazê-la perceber as graduais mudanças que culminaram no seu retorno para casa com a filha.

Em soma, o ato de inserir a filha em uma linha do tempo na história familiar dá a ela um lugar de pertencimento na família e de continuidade geracional (Rios, 2007). Essa conduta tem grande relevância na sustentação do vínculo mãe-bebê, que pode ser prejudicado pela dificuldade de interação entre a dupla no hospital. Assim, a mãe de um recém-nascido pré-termo precisa de mais tempo para estabelecer uma relação amorosa com o filho, pois sabe-se que a aproximação da díade mãe-bebê é favorecida pelo contato corporal (Bowlby & Ainsworth, 2002) tão escasso em uma UTIN.

Outro empecilho para o estabelecimento de vínculo é a exclusão da mãe no processo de cuidado e tomada de decisões em relação ao bebê internado (Santos et al., 2019). A partir de ações como a produção do diário, na qual Patrícia teve a chance de confeccionar um item conforme os seus gostos e interesses, a mulher pode resgatar o protagonismo diluído na rotina do hospital. Somado a isso, a participante obteve autonomia para



incluir fotografias de sua preferência no diário, sem a imposição de escolher apenas fotos de Laura. Por esse motivo, além de promover a descentralização do cuidado ao bebê, a atividade propicia a liberdade de expressão da mulher, que pode priorizar as suas vontades em um espaço onde não haverá julgamentos sobre as escolhas que fizer.

Abordagens de cuidado pautadas em tecnologias leves de saúde, como a construção do diário de fotos, precisam ser expandidas no contexto hospitalar, que demanda uma equipe preparada para atuar de acordo com as singularidades de um hospital (Buaski, 2020). Essas equipes, geralmente, não possuem um profissional destinado especificamente para acolher os pais de bebês prematuros. Por essa razão, Rios (2007) aponta que todos são responsáveis pelo acolhimento necessário durante a internação. A autora pontua, ainda, que o fonoaudiólogo tem uma maior aproximação com as mães, já que cuida da alimentação do bebê. Logo, esse profissional encara de forma próxima a necessidade de ajudar a mulher a lidar com a tristeza que permeia a hospitalização do recém-nascido.

A Fonoaudiologia pode vislumbrar, na composição do diário de fotos, e demais atividades artesanais, um meio de cuidar da mulher mãe. Como propõe Correia et al. (2019), a produção de algo para o bebê desperta sentimentos de felicidade e encorajamento, juntamente com a esperança de que tudo ficará bem. Segundo as autoras, a mãe também se sente útil ao confeccionar um objeto voltado ao filho. Por consequência, o sentido atribuído a essas atividades pode gerar benefícios físicos, mentais e/ou sociais. Isso fica claro quando Patrícia relata que as ações do projeto instituíram um descanso para a sua mente.

Com essas pontuações, percebemos o impacto positivo dessas práticas no conforto da mulher. Tal efeito pode reverberar no processo de amamentação, o qual, para ser bem sucedido, pressupõe o bem-estar físico e psicológico da nutriz. A promoção desses determinantes facilita o aleitamento materno, que é primordial para a manutenção da saúde do bebê. Por sua vez, a mulher pode conectar-se com o filho ao mesmo tempo em que se sente capaz de assumir o cuidado com a criança pelo êxito na amamentação (Leite et al., 2016). Em virtude disso, a implementação de métodos para assegurar a satisfação da mãe, abarcando aspectos biopsicossociais, mostra-se essencial na atuação fonoaudiológica.

## Considerações finais

A maternidade constituída em meio a um nascimento pré-termo carrega implicações corporais, emocionais e sociais para a mulher. Esta, diante de um bebê frágil e pequeno, diferente dos seus sonhos, se vê absorvida por um turbilhão de sentimentos. Lidar com essas emoções torna-se mais difícil quando há muitos outros fatores externos para encarar, como a adaptação ao hospital, o distanciamento de casa e da família. Não raramente, as mães precisam, ainda, enfrentar a negligência de profissionais de saúde despreparados para acolhê-las em seu sofrimento.

Assim sendo, este estudo indicou que a construção do diário de fotos pode contribuir para a redução dos prejuízos resultantes desse contexto. Com a resignificação e a criação de memórias simbolicamente potentes do processo de internação, o diário de Patrícia assumiu um caráter de estratégia de cuidado humanizado. Ressaltamos que esse modo de cuidar não tem fim com a alta hospitalar, ecoando no cotidiano das famílias após a saída do hospital. Essa constatação pode ser notada na continuidade dada ao material pela mulher, que o define como um objeto a ser companheiro do crescimento de Laura. Adicionado a isso, as atitudes e as falas da mãe participante quanto ao projeto e, especialmente, ao diário apontam que o acolhimento pretendido nessas ações foi efetivo.

A escrita destas páginas foi uma ínfima demonstração dos ensinamentos adquiridos ao longo do percurso no projeto de extensão HumanizAção. Nele, aprendemos a importância de estudos e iniciativas voltados para a

saúde materna. Mas, acima disso, nos entregamos ao desafio de humanizar o nosso olhar para as mulheres mães. As incontáveis ações em que estivemos foram lentes que ampliaram a visão sobre a temática discutida neste trabalho. Aqui, portanto, buscamos transmitir a relevância de ferramentas de cuidado como essa, que repercutem positivamente não apenas no público participante, mas também nos estudantes e profissionais envolvidos.

Sugerimos, desse modo, a produção de estudos para avaliar os reflexos do uso de tecnologias leves de cuidado em discentes de cursos da saúde e profissionais do setor. Além disso, considerando a ocorrência da entrevista de forma *online* nesta pesquisa, enxergamos a necessidade de novos estudos ligados ao mesmo tema com a utilização de entrevistas presenciais. Isso porque o diálogo frente ao outro permite capturar os sentidos intrincados em um riso, em uma hesitação, em um marejar de olhos, o que, para nós, deixou uma lacuna aqui, embora tantos sentidos tenham emergido por meio de uma conversa remota.

### Contribuição de cada autor

Os autores C. I. F. e J. P. B. planejaram o projeto e atuaram como coordenadores e orientadores; J. S. S. atuou na equipe executora do projeto; J. S. S. e C. I. F. escreveram o texto (redação), desde a sua concepção, planejamento, análise e interpretação dos dados; J. P. B. e F. A. F. L. S. realizaram a revisão do texto e contribuíram com o aprofundamento da análise/interpretação dos dados.

### Referências

- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bowlby, J., & Ainsworth, M. D. S. (2002). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes.
- Buaski, J. P. (2020). *Humanização: vivência de mães de bebês prematuros em seu processo de internamento em UTI neonatal* (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati, Brasil. Recuperado de <http://tede.unicentro.br:8080/jspui/handle/jspui/1525>
- Correia, L. A., Rocha, L. L. B., & Dittz, E. S. (2019). Contribuições do grupo de terapia ocupacional no nível de ansiedade das mães com recém-nascidos prematuros internados nas unidades de terapia intensiva neonatal. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 27(3), 574-583. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1694>
- Ferrari, A. G., & Donelli, T. M. S. (2010). Tornar-se mãe e prematuridade: Considerações sobre a constituição da maternidade no contexto do nascimento de um bebê com muito baixo peso. *Contextos Clínicos*, 3(2), 106-112.
- Herberts, D. L. (2019). *Narrativas de mulheres frente ao seu (des)encontro com a maternidade* (Trabalho de conclusão de curso de graduação). Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, Brasil. Recuperado de <http://hdl.handle.net/11624/2540>
- Joaquim, R. H. V. T., Silvestrini, M. S., & Marini, B. P. R. (2014). Grupo de mães de bebês prematuros hospitalizados: Experiência de intervenção de Terapia Ocupacional no contexto hospitalar. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 22(1), 145-150. <https://doi.org/10.4322/cto.2014.016>
- Leite, C. C. P., Souza, S. N. D. H., Rossetto, E. G., Pegoraro, L. G. O., & Jacinto, V. C. B. O. (2016). Diário do Bebê para a mãe de prematuro: Apoiando o cuidado centrado na família. *Revista Enfermagem UERJ*, 24(1), 1-6. <https://doi.org/10.12957/reuerj.2016.8664>
- Lima, L. G., & Smeha, L. N. (2019). Experiência da maternidade diante da internação do bebê em UTI: Uma montanha russa de sentimentos. *Psicologia em Estudo*, 24, e38179. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.38179>
- Machado, A. C., Silva, C. C., Melo, S. L. M., & Silva, A. M. B. (2020). Transformações da identidade feminina ao tornar-se mãe. *Revista Psicologia Argumento*, 38(99), 66-87. <https://doi.org/10.7213/psicolargum.38.99.AO04>
- Marchetti, D., & Moreira, M. C. (2015). Vivências da prematuridade: A aceitação do filho real pressupõe a desconstrução do bebê imaginário? *Revista Psicologia e Saúde*, 7(1), 82-89. <https://doi.org/10.20435/pssa.v7i1.408>

- Ministério da Saúde. (2004). *HumanizaSUS: Política Nacional de Humanização: a humanização como eixo norteador das práticas de atenção e gestão em todas as instâncias do SUS*. Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado de [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizasus\\_2004.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizasus_2004.pdf)
- Ministério da Saúde. (2020). *Banco de dados do Sistema Único de Saúde (DATASUS)*. Recuperado de <https://datasus.saude.gov.br/>
- Muylaert, C. J., Sarubbi, J. R. V., Gallo, P. R., Rolim Neto, M. L., & Reis, A. O. A. (2014). Entrevistas narrativas: Um importante recurso em pesquisa qualitativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 48(2), 184-189. <https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000800027>
- Oliveira, M. B., & Fujinaga, C. I. (2023). Desenvolvimento de registros audiovisuais em tempos de pandemia de Covid-19: contribuições do processo de humanização em UTIN. In C. I. Fujinaga, C. G. S. Toni, & J. P. Buaski (Eds.), *A humanizaÇÃO em UTIN: Novos Caminhos*. (pp. 147-176). Curitiba: Editora Bagai.
- Organização Mundial da Saúde – OMS. (2012). *Born Too Soon: The Global Action Report on Preterm Birth* [Nascido muito cedo: relatório de ação global sobre o nascimento pré-termo]. Geneva: Organização Mundial da Saúde. Recuperado de [https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/44864/9789241503433\\_eng.pdf?sequence=1](https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/44864/9789241503433_eng.pdf?sequence=1)
- Rios, I. J. A. (2007). *Mãe e bebê prematuro extremo: Possibilidades de vínculo em situação adversa* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/12119>
- Santos, A. S., Rodrigues, L. N., Santos, M. S. N., Sousa, G. J. B., Viana, M. C. A., & Chaves, E. M. C. (2019). Papel materno durante a hospitalização do filho na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal. *Texto e Contexto Enfermagem*, 28, 1-12. <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2018-0394>
- Santos, D. S. S., & Teixeira, E. C. (2017). Vínculo mãe-bebê no contexto da unidade de terapia intensiva neonatal: revisão bibliográfica. *Revista Brasileira de Saúde Funcional*, 5(2), 8–19. <https://doi.org/10.25194/rebrasf.v5i2.891>
- Santos, M. A., Brito, J. S., Rabelo, A. R. M., Gomes, S. O. L., Silva, L. P., & Marcelino, J. F. Q. (2020). Rotina ocupacional de mães acompanhantes de bebês prematuros internados na Unidade Neonatal. *Research, Society and Development*, 9(9), 1-25. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i9.7593>
- Terzi, F., & Calil, T. (2005). *A arte do scrapbooking: Informações e idéias para montar seu álbum de fotografias*. São Paulo: Interconnection.
- Thiollent, M. (1992). *Metodologia da pesquisa-ação*. 5. ed. São Paulo: Cortez.
- Vasconcelos, M. G. L., Ferreira, E. B., & Scochi, C. G. S. (2008). Vivência materna no grupo de apoio à mãe acompanhante de recém-nascidos pré-termo. *Revista Mineira de Enfermagem*, 12(2), 167-172.
- Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris Editora.

\*\*\*

---

*Como citar este artigo:*

Santos Silva, J. dos, Fujinaga, C. I., Buaski, J. P., & de Lima Silva, F. A. F. (2025). Construção de diário de fotos como estratégia de cuidado no contexto da unidade de terapia intensiva neonatal. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 16(2), 215-225.

---